

## **COLETIVO DE APRENDIZAGEM: IDENTIDADE UNIVERSITÁRIA E A GEOGRAFIA DO ACOLHIMENTO**

**ISAAC TAILQUE PAPINI DE BRITO<sup>1</sup>; ALEXANDRA LUIZE SPIRONELLO<sup>2</sup>;  
VINICIUS ALBUQUERQUE DE LIMA<sup>3</sup>; LIZ CRISTIANE DIAS<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – isaacpapini@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – alexandraluize14@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – viniciusalbuquerquedalima@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – lizcdias@gmail.com

### **1. INTRODUÇÃO**

As práticas socioespaciais fazem parte do cotidiano de todos nós. São essas práticas, de acordo com SOUZA (2016), que viabilizam o desenvolvimento do processo de espacialidade tanto a nível coletivo como individual. Conforme interagimos com diferentes localidades, nos percebemos a partir de cada lugar, estabelecendo diferentes sentimentos.

Foi neste contexto, que a oficina “Coletivo de aprendizagem: identidade universitária e a Geografia do acolhimento” foi pensada e desenvolvida na IX Semana Acadêmica da Geografia UFPel e VII Mostra e Seminário PIBID Geografia UFPel. A oficina teve como objetivo promover, a partir da vivência dos estudantes dos cursos de Geografia da UFPel, o pensar a identidade universitária e o acolhimento dos alunos em cursos de instituições de ensino superior. A elaboração da oficina se deu pelo grupo de Pesquisa Coletivo de Aprendizagem, financiado pelo Edital Universal/CNPq e vinculado ao Laboratório de Educação Geográfica e Ambiental- LEGA.

Pretendeu-se, por meio das características individuais e coletivas desses estudantes, demonstrar a importância do reconhecimento dos espaços sociais dispostos pelo curso como estratégia de pertencimento, de autorregulação da aprendizagem e de práticas espaciais de caráter emancipatório, que auxiliem no desenvolvimento pessoal e profissional da Geografia. Nesse sentido, as características individuais podem ser compreendidas a partir do processo de construção do *self* (BRUNNER, 2003), entendido como sendo o *Eu*, que é transformado constantemente em função das vivências e experiências tidas com o mundo social.

Acentuado pela espacialidade da Universidade Federal de Pelotas no contexto da cidade, a UFPel comparada a outras instituições de ensino superior possui uma característica que a faz diferente das demais, trata-se de uma universidade que está espalhada em diferentes localidades de Pelotas e Capão do Leão. Acarretando em expressões da vida que a universidade imprimiu e imprimi na cidade, e que não são tão facilmente observadas em outras realidades, em que as universidades estão “segregadas” do convívio urbano (campus universitários).

No entanto, essa condição de espraiamento da universidade pode dificultar a noção de totalidade e de reconhecimento espacial (materialização) da UFPel no imaginário do estudante, e assim prejudicar a construção de uma identidade universitária e a sensação de acolhimento.



## 2. METODOLOGIA

A elaboração da presente oficina permeou os encontros do grupo de estudos e pesquisa Coletivo de Aprendizagem, o qual está inserido em um projeto guarda chuva, como um dos eixos formadores da pesquisa 'Estratégias de ensino e aprendizagem no curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pelotas-UFPel', cadastrada na pró-reitoria de pesquisa da UFPel. Para fundamentar a oficina, buscou-se amparo teórico em autores que conversam sobre a autorregulação da aprendizagem, construção do *self* (eu), e sobre as dimensões do espaço (BANDURA, 2008; HARVEY, 2015; MACEDO; SILVEIRA, 2012; VEIGA-SIMÃO; FRISON, 2013; ZIMMERMAN, 2000).

Dessa forma, a oficina foi aplicada durante a IX Semana Acadêmica da Geografia UFPel e VII Mostra e Seminário PIBID Geografia UFPel: Trajetórias e Conexões, com oferta de quinze (15) vagas e duração de quatro (04) horas.

A oficina foi dividida em 5 momentos, introduzindo os participantes na dinâmica da autorregulação no contexto universitário, bem como o acolhimento singular da Universidade Federal de Pelotas, da seguinte forma:

**Dinâmica do *self* narrativo:** os oficineiros e participantes se apresentaram através da construção do boneco *self*, caracterizando-o e respondendo perguntas como: Quem sou? Por que escolhi essa universidade e esse curso? Quais são os meus objetivos? Posteriormente, os bonecos *self* foram colados em papel kraft, formando assim, um mosaico.

**Reconhecendo a UFPel:** por meio de apresentação de powerpoint com fotos, apresentamos a construção da UFPel, a partir de ideias e ideais globais. Caracterizamos as dinâmicas que ocorrem no espaço e a espacialidade da UFPel. Em seguida, os alunos localizaram, em um mapa da área urbana de Pelotas, os locais da UFPel que mais frequentam.

**Autorregulação e o *self*:** nessa etapa, apresentamos os constructos da autorregulação e o conceito de *self*. Questionamos os alunos sobre quais suas relações com a UFPel e se eles se sentem produtores dessa característica universitária atribuída a cidade.

**Mapa mental da UFPel:** para esse momento, foi proposto a confecção de um mapa mental, destacando a forma como os participantes percebem a UFPel, com espaços de acolhimento e repulsa. Para isso, foram disponibilizadas folhas A3, lápis de cor e de escrever, canetinhas e borracha.

**Autorreflexão da oficina:** após a aplicação, foi enviado para o email dos participantes um formulário de avaliação da oficina, com questões sobre as aprendizagens geradas e a contribuição para pensar a identidade docente.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina teve onze (11) participantes, com perfis autorreguladores similares, mas com perspectivas e origens diferentes. Essas duas distinções foram muito importantes para o desenvolvimento da dinâmica, um grupo era de jovens que tinham seus compromisso com serviços e demandas e outro era de adultos que tinham família e responsabilidades. Dentro dessa diferenciação, o perfil dos participantes foi um ponto crucial para o diálogo coletivo da oficina.

Esse perfil foi traçado através da dinâmica de apresentação pessoal com o *self*, modelo de apresentação com um personagem desenhado em papel onde os participantes colocaram nele os objetivos, os sonhos, as personalidades e demais

questões que compõem o indivíduo como um uma pessoa singular com suas diferenças. A dinâmica começou com os oficineiros se apresentando e falando sobre a escolha do curso, motivos e como se veem daqui 10 anos; essa apresentação foi dinamizada de forma personalizada pelo seu próprio apresentador de como ele se vê e, posteriormente, foi aberto aos participantes. Frente a essa apresentação, foram realizadas diversas discussões de como eles transitaram pensamentos durante tantos anos até escolher um curso ou encontrar um curso que condiz com eles. Outra discussão abordada foi a interação da cidade de forma invisível com a faculdade, uma cidade universitária que tem sua paisagem composta por estudantes, mas que o conhecimento da universidade e como ela funciona é desconhecido pelos indivíduos.

Posterior ao diálogo aberto de apresentação com o *self*, tivemos uma interação falando sobre o reconhecimento da UFPel e sua história de expansão frente a cidade e condições políticas que levaram a estrutura atual. Com essa historicidade de expansão, foi utilizado o conceito de HARVEY (2015) sobre espaço relacional para ser entendido como formamos nossas relações com o espaço e as consequências em nossa identidade, frente a outros espaços absolutos e relativos que são as estruturas onde as relações sociais ocorrem.

Com a apresentação do *self* narrativo e as formas de interação com o espaço, foi colocado em discussão a importância da universidade com a cidade e como ela é importante para sustentação da paisagem do município de Pelotas. A interpretação dos participantes começou a se direcionar a correlações em que eles estão inseridos no desenvolvimento universitário da UFPel. Essa interpretação surgiu quando eles começaram a visualizar a cidade em seu passado e vê-la agora com as dinâmicas universitárias distintas, que compõem o movimento urbano e a sua própria paisagem.

Esse aspecto de acolhimento da universidade, foi visualizado pelos participantes, no momento em que eles interagiram com o mapa que representava os espaços da faculdade com a cidade.

A dinâmica fez um reconhecimento dos alunos sobre os espaços da UFPel no perímetro urbano de Pelotas. Essa atividade levou os participantes a analisarem como a UFPel está dispersa pela cidade e ocupando diferentes espaços e, cada um desses espaços, criam uma paisagem que compõem uma identidade diversa e com personalidade singulares. Essa atividade promoveu o pensar os processos regulatórios com a realidade vivida de seu espaço: sendo ele a universidade ou a casa.

Posterior a exposição da autorregulação e o *self*, foi proposto uma atividade para que eles fizessem um mapa mental e retratassem nele os lugares de acolhimento e repulsa na universidade.

Os participantes demonstraram acolhimento a espaços que os motivam a serem quem são e manterem sua identidade pessoal fortalecida por laços de desenvolvimento. Esses ambientes variam entre centro de esportes e bibliotecas da universidade, e essas escolhas são reflexos de personalidade. Demonstrando que preferem estudar em grupo ou estudar sozinhos, essa interação foi interessante pelo fato que suas relações são reflexos de como aprendem. Voltando ao espaço relacional como um ambiente formador.

Com o feedback dos participantes, pudemos compreender a relação deles com a aprendizagem, bem como foi possível observar que o desenvolvimento da autorreflexão foi pontual no decorrer da oficina, com ênfase sobre a autorreflexão. O Autoconhecimento foi um assunto pontual nos feedbacks para um bom



desenvolvimento acadêmico e profissional, assim refletindo e compreendendo os motivos que levam os estudantes a escolherem o curso de Geografia.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesse sentido, a UFPel constituiu-se de forma a estar presente no dia a dia da população Pelotense, sendo Pelotas uma cidade que vive a universidade. Propiciar aos alunos, momentos de discussão e debate sobre a configuração espacial da UFPel, contribui para a compreensão das práticas socioespaciais que determinam o pertencimento e a identidade universitária, que se imprime nas vivências e nas paredes da cidade.

A cidade de Pelotas possui diversas particularidades e entre elas, a aproximação com o contexto urbano, Pelotas apresenta na sua essência uma paisagem de ensino, pois a vida universitária trouxe à cidade experiências e vivências que estão marcadas nos muros, nas fachadas, na vida noturna, nas intervenções artísticas, nas manifestações, nas feiras e nos brechós, por exemplo.

Com a aplicação desta oficina, os alunos puderam refletir sobre a construção do seu *eu/ self*, sobre os processos e agentes autorregulatórios e como tudo isso se configura dentro de um ambiente universitário, que está em consonância com as dinâmicas da cidade, propiciando o reconhecimento, a apropriação e o pertencimento aos ambientes da UFPel. Assim, ressalta-se que o aluno, quando têm conhecimento dos espaços da universidade e da importância que ela tem para as pessoas, passa a construir laços de acolhimento e identidade com esses locais, contribuindo para uma caminhada universitária de sucesso e incentivo à aprendizagem.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUNNER, J. S. Self-making narratives. In R. Fivush & C.A.Haden (Ed), **Autobiographical memory and the construction of a narrative self. Developmental and cultural perspectives**. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates. 2003. p. 209-225.

HARVEY, D. O espaço como palavra-chave. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, v. 13, n. 35, p. 126-152, 2015

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.